



LUTO



[André Braga e Cláudia Figueiredo / Circolando]

“O fogo só terminou quando não havia mais que arder”.

Luto é um projecto transdisciplinar, para espaços ao ar livre, criado em residência artística em Tábua, vila portuguesa da Região Centro, província da Beira Alta.

Tomando como ponto de partida o fogo de 15 de Outubro de 2017, um dos mega incêndios maiores da Europa, Luto debruça-se sobre as questões do trauma e da catástrofe.

A dupla significação do termo 'luto', enquanto processo de lidar com a perda – de vidas humanas, de memórias, de espaços físicos – e enquanto verbo lutar – resiliência e empenho das populações e da natureza por imaginar outros futuros – foi o mote nuclear que estruturou o pensamento e áreas a abordar.

A violência extrema do fogo e a sensação geral da proximidade do apocalipse só podiam fazer-nos colocar a questão algures na eminência do Fim, quando fica claro que é urgente uma nova filosofia, um novo pensamento, um ser político radicalmente diferente.







As comunidades de catástrofe, a dimensão caótica dos processos de luto, a crítica das sociedades antropofágicas, a proclamação do corpo terra-planta e de um certo primitivismo... Os testemunhos que fomos recolhendo foram o nosso material de partida, mas o que nos interessa sobretudo abordar são as dimensões que ultrapassam a esfera local do incêndio e lançam um pensamento e questionamento mais amplo.





Uma casa em pedaços, um carro incinerado, um outdoor abandonado e o negro. Um negro que parece tudo invadir. E contudo, o crepitar do fogo que arde está ali como bálsamo, evocando o lado mais intimista, comunitário, apaziguador que há de durar para sempre. É de grande beleza a profunda dualidade que define a nossa relação com o elemento fogo.

“Entre todos os fenômenos, o fogo é realmente o único que pode aceitar as duas valorações opostas: o bem e o mal. Brilha no Paraíso. Arde no Inferno. É doce e é tortura. É cozinha e apocalipse.” [G. Bachelard]







A voracidade com que extensões infindáveis de terra ardida estão a ser tomadas por uma praga descontrolável de eucaliptos evidenciam a nossa inacção e incapacidade de fazer diferente. A vida que volta a imiscuir-se no dia-a-dia e o verde que aos poucos se entranha na terra e na paisagem não deviam fazer-nos perder a lucidez alcançada.

“O lume fica vivo nas raízes das árvores, e nasce do chão dias depois, quando ninguém está à espera’. Nunca mais esqueci esta imagem, de raízes a arderem em silêncio, durante dias, semanas, décadas. (...) Um país inteiro a arder pelas raízes.” [P. Moura]



FICHA ARTÍSTICA

Criação colectiva

Direcção: André Braga

Dramaturgia: Cláudia Figueiredo com o apoio de Gonçalo Mota

Co-criação e interpretação: Diogo Martins, Diogo Peres, Gil Mac, Mafalda Saloio, Odete Claro, Paulo Mota, Soraia Cavaco e Valentina Parravicini

Sonoplastia: André Pires

Concepção plástica: André Braga e Pedro Azevedo

Vídeo: Gonçalo Mota com o apoio de Vítor Costa

Luz: Cláudia Valente

Realização plástica: Pedro Azevedo e Pedro Coutinho

Produção: Ana Carvalhosa (direcção) e Cláudia Santos

Agradecimentos: João Correia e Bombeiros Voluntários de Tábua, Ana Morais, Casimiro Castanheira, Cristóvão Ramalho e Coro Polifónico de Tábua, Conny Kadia e Luna, Ricardo Brandão e Cervas – Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens, Ricardo Mota, Gi Carvalho e todas as pessoas que conosco partilharam a sua memória e visão do incêndio de Outubro de 2017

Fotografia: José Caldeira e Luís Campos

Projecto inserido na Rede Artéria, um projecto com coordenação artística do Teatrão e co-financiado por Portugal 20.20.

A Circolando é uma estrutura financiada pela República Portuguesa-Cultura/Direcção Geral das Artes

Apoio: IEFP/CACE Cultural do Porto

